

Manoel Marques



Entrevistando, para a revista *Brasileiros*, família que protagonizou o filme *Garapa*

Ricardo Kotscho, um pé-de-poeira

Ele escolheu as ruas e as pessoas como sua matéria-prima principal. Fez da solidariedade um compromisso de vida. Escreve com uma facilidade que dá até raiva, talvez por colocar o coração na ponta dos dedos e na frente do cérebro. Já perdeu a conta das cirurgias que fez para corrigir os males que a natureza insistiu em lhe impingir – e até brincou com o vice-presidente José Alencar, a quem visitou recentemente no Hospital Sírio Liba-

nês, para ver quem é que tinha mais vezes ido parar numa mesa de operação. Falar em dinheiro, então, passa ao largo de suas prioridades, a ponto de sua filha mais velha, Mariana, ter assumido o comando de sua agenda de palestras, para cobrar o que até então era feito de graça e com isso recompor seus ganhos, que foram sensivelmente prejudicados pelo tempo que passou no governo e nas campanhas eleitorais. Tempo, aliás, em trocou bons salários por idealismo (deveria entrar naquele programa *Isto é incrível*, que anos atrás era apresentado no Brasil por Sílvio Santos).

Foi assessor de imprensa de Lula na campanha presidencial de 1989 e voltou para a reportagem. Repetiu a dose em 1993. Entre a segunda e quarta campanhas de Lula, teve uma experiência como diretor de Jornalismo da Rede CNT de Televisão. Ganhou dinheiro, mas não gostou. E voltou para a reportagem. Sucumbiu aos argumentos de Lula e Duda Mendonça e lá foi de novo para a quarta campanha presidencial (“Você esteve nas primeiras, em que Lula perdeu, e nessa, que ele vai ganhar, vai

ficar de fora? Vai ficar com fama de pé frio...”). Sucumbiu também à intimação de Lula para continuar a seu lado no Planalto e ali aguentou por longuíssimos dois anos. E, pronto, voltou para a reportagem, onde está até hoje – mais feliz do que nunca –, agora na revista *Brasileiros*, escrevendo livros, cartas, e-mails e até um *blog*, o *Balaio do Kotscho* (<http://colunistas.ig.com.br/ricardokotscho>), seguramente um dos melhores e mais visitados do País.

Filho de Elizabeth e Nikolaus, irmão de Ronaldo, o Alemão, marido há quase quatro décadas de Mara, pai de Mariana e Carolina, avô de Laura (6 anos), Isabel (3) e André (2) e amigo de um monte (e bota monte nisso) de gente, do mais humilde trabalhador ao presidente da República, este é o **Ricardo Kotscho** inquieto e movido a desafios, sobretudo se for uma boa reportagem, que *Jornalistas&Cia*, pela lente e impecável texto de **Célia Chaim**, destaca nesta oitava edição de *Entrevista*. Um presentão para os nossos leitores.

Boa leitura!

Eduardo Ribeiro e Wilson Baroncelli

Ele não tira os pés da rua

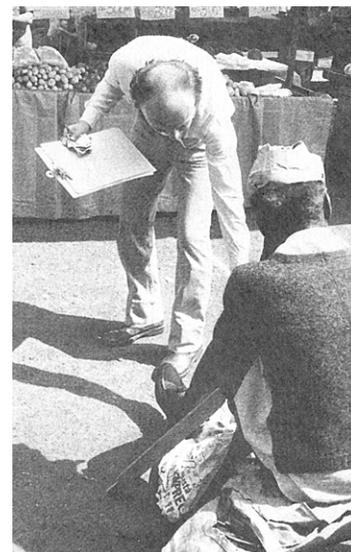
Por **Célia Chaim**

Ricardo Kotscho, 61 anos, um dos mais premiados jornalistas do País, e por muitos considerado o melhor, é daquela espécie única, a do repórter de verdade. Neste momento está com um novo livro em produção: *Lugar de repórter é na rua*, um clássico para repórteres, editores e para quem, jornalista ou não, gosta de ler boas reportagens em jornais e revistas. Kotscho é mestre nessa arte. Às vezes não tem lugar certo na Redação. Seu negócio é ir para a rua. Na Sucursal do Jornal do Brasil, em São Paulo, anos atrás, quando já se percebia que alguma coisa de

ruim rondava a área financeira do melhor e mais “bonito” jornal brasileiro, ele chegava à Redação da avenida Paulista, chamava Ferreirinha, motorista com alma de repórter, e ia pra a rua – nunca antes de dizer: “Moçada, larga essa cadeira e vai pra rua trabalhar!” Sobre ele, Ferreirinha, uma preciosidade que apareceu no JB, essa criatura risonha e fiel, diz: “Ele é tudo, como jornalista, pessoa humana. Ele não existe”. Nem você, querido Ferreirinha...

Da rua ele voltava um, dois, três dias depois com a matéria que iria invariavelmente para

a primeira página do jornal. E lá vinha um prêmio... E lá voltava ele, sem soberba, sempre brincando com um e outro. Terno e gravata? O chamado *black-tie* passava longe do seu guarda-roupa do dia-a-dia. Exceto nos dias de receber a enxurrada de prêmios. Muitos. (Em 2008, foi um dos cinco jornalistas brasileiros contemplados com o *Troféu Especial de Imprensa ONU*. Ganhou quatro vezes o *Esso*, duas o *Vladimir Herzog*, uma o *Cláudio Abramo*, entre outros.) E, claro, em ocasiões que exigiam esse tipo “incômodo” de vestimenta.



Reportagem numa feira livre: em busca de histórias e personagens da vida real



Philips. Uma das empresas com o maior número de patentes do mundo.

Na Philips, todos estão sempre pensando em antecipar o futuro. O resultado disso são milhares de novos projetos, idéias e conceitos todos os anos. Tanto que foi a Philips que inventou o CD e a TV que menos consome energia do mundo.

PHILIPS
sense and simplicity

Pensa que ele voltava de salto alto, alardeando suas vitórias? Não. Ele está mais para Romário, que fazia gols espetaculares e nem olhava para trás. Desculpe a comparação, Kotscho, sei que é são-pauli-



Avô, jornalista Jacob Heinz

no, mas você, tal qual o “Bai-xinho”, faz seus golaços em silêncio e não olha para trás. Quer golaço maior e mais bonito do que sua matéria sobre negócios dos índios? Primeiro, levou até a revista VIP, da Editora Abril. Conversa vai, conversa vem, com o editor, a matéria foi rejeitada “porque o assunto não era para *vips*”. Goleada de Kotscho, com a premiação do *Esso*. A matéria era para todos, inclusive para as *very important persons* – que, a bem da verdade, nunca interessaram a Kotscho. E foi lida por todos em outra revista – Terra. Eu trabalhava ali e não engoli a cegueira; ele pouco se lembra da história.

Escurinha é coisa de sogra

Como dura tanto tempo um casamento em paz?

– Marinha diz que é porque viajo muito... – e dá uma boa risada.

Meia verdade. Ele conheceu Marinha de maneira poética, em Caraguatubá, uma das praias do litoral sul de São Paulo. E não desgrudou mais dela.

Ele conta: “Em julho de 1969, quando Neil Armstrong pisou pela primeira vez na Lua, eu estava pisando nas nuvens. De férias em Caraguatubá só conseguia pensar naquela menina, a Mara, que eu tinha visto andando de bicicleta na praia havia dois anos. Escrevi cartas e poemas, mas não tive coragem de procurá-la. Mara tinha apenas 16 anos e um pai muito rigoroso, e eu, 21. O jeito era namorar escondido. Ela estava bem bronzada quando

Como você explica o repórter Kotscho?

– Um velho cidadão que nunca tirou os pés do chão

O que você acha da dupla telefone-internet, usual no Jornalismo de hoje?

– Eu falava pros caras, nas últimas redações em que trabalhei: “Meu filho... Isso que está aí já foi publicado, é velho. Nós temos que alimentar esse troço com coisa nova. Se a gente ficar pegando o que está aí, não estamos contando novidade nenhuma. A nossa função é justamente o contrário, ir pra rua e descobrir o que está acontecendo. E o que está acontecendo muitas vezes são coisas que você menos espera”. Não gos-

a apresentei à minha mãe, que fez a seguinte observação: ‘Me parece uma boa moça, bem-educada. Mas ela é meio escurinha, não é?’”.

(Escurinha é coisa de sogra, mesmo as mais bondosas. Eu não tinha defeitos para colocar na doce menina que vai casar com meu filho, mas não deixei de falar para ele: “Bem que você poderia namorar com uma moreninha...” É que não gosto muito de louras. É a tal “mãe zica” em ação.)

Kotscho e Marinha se casaram, tiveram duas filhas e “são felizes para sempre”. Marinha é mais bonita do que o marido – no mínimo, tem mais cabelos do que ele. E os dois, depois de tantos anos juntos (me desculpe o lugar comum), foram feitos um para o outro. Ela é mais elegante. Ele usa camisas impecáveis, mas as calças... frequentemente caí-

das. Ciúmes? “Isso acaba com qualquer relacionamento”, diz Marinha. Têm duas filhas: Mariana, três filhos, é repórter de tevê, com passagem pelos jornais da Globo; e Carolina, a mais nova, tem uma produtora independente que participou da produção de *Os dois filhos de Francisco*, sucesso nacional. O que Carolina diz do pai? “É um pai muito querido, um grande exemplo para todos, uma pessoa que se envolve, se emociona, acorda todo dia para tentar mudar o mundo”. E Mariana? “Acima de jornalista, ele é um pai. Tem um grande caráter. Uma pessoa tão humilde que chega a ser irritante. Uma figura. Não conheço ninguém igual. Uma pessoa carinhosa, com o coração enorme, sem maldade, e isso transparece no trabalho dele. Quando vai fazer uma reportagem, chora. Teve uma

to de ser negativista, não sou e nunca fui, mas dou o exemplo das Diretas [Nota da Redação: movimento da sociedade civil no final da ditadura militar, em 1984, pela realização de eleições diretas para presidente no País]. Fazendo uma reportagem aqui, outra ali, na periferia, percebi que estava surgindo um movimento, havia uma causa, uma luta coletiva, a da redemocratização do País, que desaguou meses depois na campanha das Diretas Já. Hoje, vivemos um momento de mixórdia, mediocridade. As pequenas manifestações que acontecem são prova disso, não empolgam; as pessoas não têm bandeira...

que ele foi fazer numa favela do Ceará. Conversou com uma mulher que chorava porque não tinha telha na casa. Meu pai comprou telhas para ela. Incrível, né? Ele conquista a todos, não tem quem não goste dele”.

Calma, Kotscho! Marinha também vai falar de você. Antes, quero homenagear dona Elizabeth por tudo o que ela passou, com orgulho e medo, pelas aventuras em que seu filho se meteu para fazer reportagens. Ele foi para Serra Pelada, lá pelas terras do Pará, onde mais de 20 mil pessoas procuravam ouro. Pior ainda, começou a desafiar a censura da ditadura, com matéria sobre a farra do dinheiro em Brasília. Foi daí que se popularizou a palavra “mordomia”, tão ouvida – e mais ainda praticada no País e fora dele. (Por tudo o que

saí nos jornais, acho que o Brasil deve estar exportando técnicas aperfeiçoadas de mordomia, o que infelizmente não aparece na balança comercial.) Cutucou a ditadura, a ponto de ter um censor “praticamente seu”. Aconteceu no Estadão, vítima maior dos censores, e na Folha, também com Clóvis Rossi, seu grande amigo e professor.

Nunca vi você usando relógio...

– Maldita mania que tenho até hoje de não usar relógio...

Sem relógio e sem medo, você fez o Jornalismo Político acontecer...

– Se, de um lado, a série de reportagens sobre mordomias me tornou conhecido, de outro, incluiu meu nome na lista negra dos militares que ainda resistiam à abertura política defendida por Geisel.

Ele conta: “**Fernando Cavalcanti**, que fazia cobertura da área militar, me aconselhou: ‘É melhor dar um tempo. Os homens estão de olho em você’”.

Romário, Maradona. E Darcy Ribeiro

Tudo isso a senhora viu, dona Elizabeth. Como viu o Lula chamá-lo para ser seu coordenador de Imprensa, dada a amizade que unia os dois havia muitos anos, desde os tempos em que ele fazia reportagens no então fervilhante ABC de São Paulo. Quando aceitou o convite, Kotscho foi criticado por jornalistas, principalmente, talvez por causa do sentimento mais recorrente nas redações e empresas em geral: a malvada inveja.

Sua família passou por momentos difíceis. Você conta uma parte dessa história em li-



Passeio dominical com os pais no viaduto do Chá

vro, daí a minha permissão para tocar no assunto...

– De filhinho de papai, com mordomo e motorista, a órfão numa pequena família falida e com várias dívidas, a passagem do tempo é muito mais rápida e traumática, sobretudo quando se tem apenas 12 anos.

Como aconteceu essa queda no padrão de vida da família?

– Meu pai, um engenheiro civil boêmio, metido a galanteador, pródigo com os amigos e parentes, resolveu deixar o bem-remunerado emprego numa construtora para abrir

seu próprio negócio, em sociedade com um amigo bastante parecido com ele. O negócio foi pro brejo.

Kotscho, querido: com você, meus filhos e os amigos de verdade, eu sou parcial, com consciência e orgulho. Você é, sim, o melhor repórter do País, assim como **Eliane Brum**. Sou feliz e, agora sim, orgulhosa por conhecê-lo. Sabe quem está a seu lado nos meus amores profissionais que se tornaram pessoais? Romário e Maradona. Darcy Ribeiro, o maluco inesquecível, que não

teve filhos, mas cuidou de mim como uma filha quando eu estava grávida do Pedro. Darcy Ribeiro, que se preocupava com os índios e a Educação do País, tão encantador e tão rebelde que, entre muitas traquinagens, fugiu do hospital onde tratava de um câncer para escrever aquela que seria a sua última obra: *O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil*, em 1995. Entre suas travessuras está o galo, se não me engano Chico, vindo de Minas, que em vez de ser cozido ao molho pardo virou sensação na zona sul do Rio, com seu bucólico cocorocó logo cedo. Não foi para a panela e virou atração.

Não discuto minhas preferências pessoais e também não escondo; fico indignada quando penso que poucos no País



Orador na formatura da turma do curso clássico do Instituto Estadual de Educação Alberto Conte, em Santo Amaro (1966)

sabem quem foi Milton Santos, intelectual negro, geógrafo, reverenciado com tapete vermelho no exterior e aqui apenas mais um intelectual.

Na categoria dos que põem os pés no chão pra valer, mexem com o coração da plateia, desobedecem as pautas miúdas que recebem, andam por suas próprias pernas, quebram regras e fazem gols magistrais como você faz no Jornalismo, Romário e Maradona, sempre surpreendendo as regras do “professor”.

Dona Elizabeth morreu há pouco mais de dois anos. Ricardo e Ronaldo ficaram órfãos para sempre de seu amor, sua inteligência e carinho, seu empurrão para a vida. Sr. Nikolaus morreu quando os dois ainda eram pequenos.

Em 40 anos de profissão, Ricardo Kotscho deixou sua marca nas redações de grandes jornais brasileiros. Nessas quatro décadas de Jornalismo, teve participação ativa na cobertura de acontecimentos que, narrados a partir da ótica das redações e do corpo-a-corpo da reportagem, resultaram num rico panorama da história recente do País. No campo do Jornalismo investigativo, Kotscho relata, por exemplo, como desvendou as mordomias que funcionários federais desfrutavam. No âmbito da cobertura política, conta-nos os bastidores e eventos decisivos, como as primeiras greves no ABC paulista, no fim dos anos 70, a volta dos exilados políticos – na esteira da Lei da Anistia, de 1979 –, e a campanha das Di-

retas, que mobilizou o País em meados da década de 80. No final dela, o autor engajou-se nas campanhas de Lula para a

Presidência da República, tendo atuado em três delas como assessor de imprensa do então candidato.



Na praça principal de Alcântara, no Maranhão, durante a campanha presidencial de 1994. Da esquerda para a direita: Kotscho, José Carlos Espinosa, Lula, Aurélio Pimentel, coronel Geraldo Cavagnari e José Graziano

O irmão Ronaldo

Ronaldo, dois anos a menos que Ricardo, é jornalista, trabalha na ESPN Brasil em parceria com **Roberto Salim**, que tem como peculiaridade fazer grandes reportagens sem gostar de aparecer no vídeo. Nem fotografia ele aceita. Ronaldo segue na mesma linha do irmão, em reportagens sobre um Brasil distante, que faz chorar pela miséria escondida, com times de futebol que só existem naquele chão de terra. Um ou outro sonha um

dia jogar no Corinthians, na Seleção.

O povo fala – e como fala! – para a dupla que “sabe chegar” – um atributo indispensável para a boa reportagem. São ótimos e malucos. A maluquice de Ronaldo, mais conhecido no meio jornalístico pelo período como fotógrafo de esportes na revista Placar, é parecida com a do irmão. Chamado de **Alemão**, ele tem a voz mais forte do que a de Ricardo e é tão brincalhão quanto. Eles se amam, mas não perdem a

chance de uma boa brincadeira – como esta: “Ricardo disse que quando eu morrer vai mandar escrever no meu túmulo: *Aqui continua descansando Ronaldo Kotscho*. Aí a minha filha disse que quando ele morrer, escreveremos: *Aqui nos deixa descansar Ricardo Kotscho*”.

Vocês são da pá virada mesmo! Bem disse a sua mãe...

Da esquerda para a direita: Ricardo, os pais e o irmão no Litoral Norte de São Paulo





Com Mara, nas festa do aniversário de 50 anos, em 1998

Existe amor eterno

Marinha, Mara, é a mulher especial que fez ferver a cabeça, o coração, as pernas e a alma de Kotscho. Ela é socióloga, trabalha com pesquisa de mercado – o que não seria necessário para explicar esse amor e admiração durar tanto tempo. (Como espectadora, tenho a impressão de que ela é mais acelerada do que ele. Mas talvez seja pura impressão.) Ele fala de Marinha com

meiguice e orgulho, como se tivessem sido feitos sob medida um para o outro. “Já falei algumas vezes que se não o tivesse conhecido, correria atrás dele. Nós temos muita admiração um pelo outro... Claro que, no plano pessoal, temos alguns defeitos, mas eu tinha que conhecer o Ricardo”. (Nós, da plateia, também tínhamos que conhecer você para entender um pouco mais

da alegria e do bom humor de seu marido.)

Ela é o avesso do avesso da banalidade, sempre foi bonita como a menina que ele viu na praia pela primeira vez. Tem, com certeza, aquela “aflição” quando ele pega a mala e vai atrás de reportagens que ninguém mais se mete a fazer. Kotscho foi conhecer a terra da antiga primeira-dama do País, mulher de Fernando Collor de



Mello, Rosane, dona de um chiquê lamentável, procedente da poderosa família Malta. Apenas o título da reportagem dá uma medida de onde ele, com o irmão Ronaldo, foram se meter: *No meio do nada do sertão de Alagoas (Canapi), a vergonhosa terra da primeira-*

Kotscho e Mara com os netos André, Isabel e Laura, filhas de Mariana

dama do País é uma ilha de miséria cercada de dinheiro público por todos os lados. Os dois voltaram vivos – quem mexia com os Malta era louco –, felizes com a reportagem, mas só Marinha sabe o que ela passou por causa dessa viagem de Ricardo à terra dos Malta.

Kotscho, com a filha Mariana, a neta Laura, Mara, com a neta Isabel, e o genro, Fernando Ansarah, com o filho André



Cadê minha matéria?

Kotscho sempre falou que não gosta dessas “coisas eletrônicas”. Celular? Nem pensar! Numa das viagens de sua história, **Augusto Nunes**, então diretor da revista Época, tentou explicar as vantagens da tecnologia que se colocava à disposição do repórter, especialmente em viagens longas, como a que ele faria para o Nordeste.

Ele foi, ficou muito bravo com o chefe que o fez levar um *laptop*. Na volta à redação, cadê a matéria? Todos foram mobilizados para encontrá-la. Ele havia salvado a matéria, mas ninguém conseguia localizá-la “naquela máquina maldita”. Brigou com o *laptop*, com o diretor de Redação e até hoje tem suas restrições.

Não se sinta sozinho, querido Kotscho. Sou a “caipira” de uma família que adora essa tecnologia do dia-a-dia. Sei lá em que dias comemorativos ganhei um celular e deixei para meu filho, que o considerou superado; um microondas que nunca usei por que tenho medo da radiação; e uma televisão com dois con-

troles que me enlouquecem todos os dias porque apertado o botão errado. Já chorei muito por ter perdido matérias “salvadas” — quando todo mundo dava risada — e só não joguei a “maquininha de última geração” pela janela do 8º andar por reconhecer que não nasci para isso. Ela sumiu.



Kotscho no fogão

Se alguém pensa que essa história de cozinhar – cozinhar bem – é brincadeira de Kotscho, aproveite essa receita que ele deu. Deliciosa, barata e fácil de fazer.

GOULASH* DA VOVÓ BETH

(para 4 a 6 pessoas, dependendo da fome)

Ingredientes:

1 kg de músculo cortado em cubos
1 kg de tomates bem maduros cortados em quatro partes cada
1/2 kg de pimentão vermelho picado de forma grosseira
3 cebolas médias picadas
1 naco de toucinho picado
1 colher de sopa de páprica picante
2 colheres de sal, das de sopa
Cheiro verde e cebolinha

Preparo:

Esquentar um pouco de óleo numa panela de ferro. Jogar as cebolas, deixar dourar um pouco, acrescentar o toucinho.
Refogar bem a carne junto com o pimentão.

Colocar os tomates, o sal e a páprica.

Tampar e deixar ferver em fogo alto.

Depois de meia hora, verificar o sal. Se o molho estiver muito grosso, ir colocando um pouco d'água.

Deixar cozinhar mais meia hora em fogo médio. Verificar se a carne está macia e servir em prato fundo.

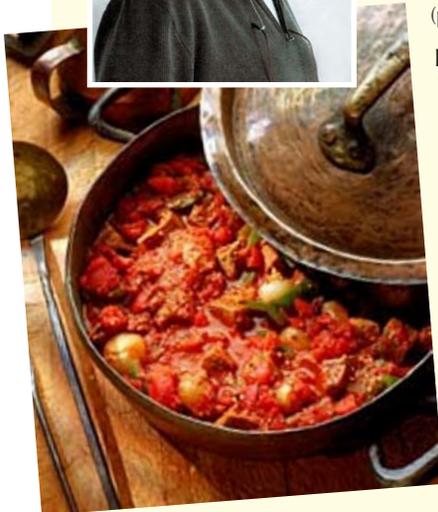
Para acompanhar:

Nhoque de batata ou massa (espaguete ou massa parafuso).

Para beber:

Cerveja ou vinho tinto, dependendo do clima.

Bom apetite!



(* Prato húngaro, cujo nome evoca os guardadores de bois, chamados gulyas. A criação desse prato, feito de carne de boi, cebolas e páprica, nos leva para o século IX, antes da fundação do Estado Húngaro, quando as tribos nômades buscavam uma alimentação adequada ao seu instável e itinerante modo de vida. Nessa época, comiam fatias de carne cozidas em fogo brando com cebolas. A carne era, em seguida, seca ao sol e transportada em odres. Em seus acampamentos, os nômades preparavam uma sopa, cozinhando essa carne em água com rábanos. Só mais tarde a páprica foi acrescentada ao goulash, que tradicionalmente é cozido em um caldeirão.

Quem disse o quê de Kotscho

Jorge Araújo trabalhou com Kotscho nas suas duas passagens pela Folha de S.Paulo, onde é fotógrafo até hoje. Os dois formaram uma das melhores duplas repórter-fotógrafo do setor: “Em 30 anos de profissão, trabalhei com muitos repórteres, mas Kotscho é especial. Ele faz preciosidades que dá tesão de ler. É ímpar em tudo o que escreve. Uma vez me perguntaram quem era o repórter do século no Brasil. Com todo respeito aos outros, não tenho medo algum de classificar Kotscho como o melhor”.

José Hamilton Ribeiro – “Quando leio Ricardo Kotscho, tenho a sensação de beber um copo d’água num momento de sede. É um homem raro, de primeira linha, que se revela um brasileiro com muita sensibilidade. Parece que nasceu sabendo escrever. É muito humilde. Jornalista como ele só aparece a cada século. É um fenômeno e ponto final”.

(José Hamilton Ribeiro é tudo o que jornalistas de verdade admiram. Qualquer coisa que se diga a seu respeito é pouco, muito pouco. Gostaria de trabalhar com ele nem que

fosse para servir café. Trabalhei com Kotscho no Globo Rural, em 1985, por três meses. De ídolo, Zé Hamilton hoje virou fã declarado. Ele é repórter especial do Globo Rural – onde, anos atrás, o mais pedante entre os pedantes chefes me mandou escrever meus dados para ver se eu sabia escrever. Bati a porta e fui morar em Londres. Não me lembro o nome dele.)

Lula – “Ele é uma das unanimidades nacionais. É referência para muita gente nesse País. Ele só tem um defeito, é muito

bom. O tipo de jornalista que não existe hoje em dia. Não é mandão. Uma peça rara que precisamos preservar. É um dos raros repórteres que tem a capacidade de colocar nas palavras o sentimento que está no coração”.

Clóvis Rossi – “Simplesmente, ele é o melhor repórter da minha geração, embora ele possa se sentir ofendido por incluí-lo na minha geração, por ser mais novo; mas a verdade é essa”.

(Clóvis Rossi faz parte da categoria de jornalistas espe-

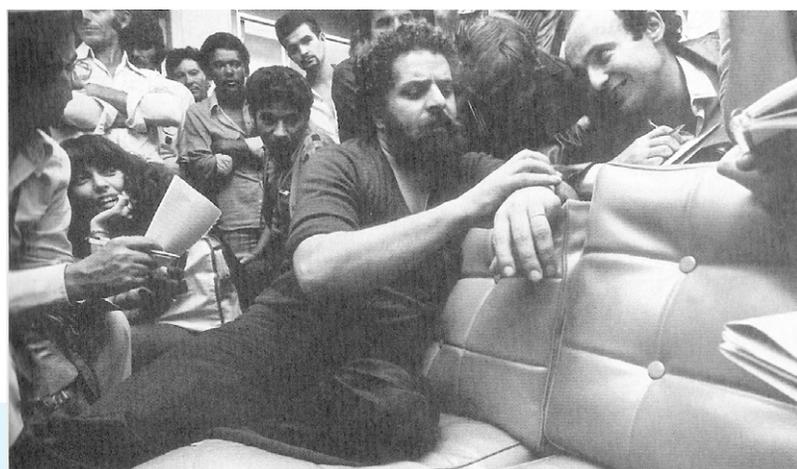
ciais e quem trabalha com ele nunca esquece a honra. Trabalhei com Kotscho no Estadão, Jornal do Brasil, IstoÉ, Jornal da República e Folha de S.Paulo, onde é colunista da página 2 e membro do Conselho Editorial. É óia rara, raríssima do jornalismo brasileiro.)

Ricardo Setti – “É um ser humano extraordinário, que tem a pureza e um coração

como poucas pessoas que eu conheci. Um jornalista esplêndido e um personagem luminoso para conviver numa redação”.

(Ricardo Setti trabalhou com Kotscho no Estadão e no Jornal do Brasil. Hoje atua de forma independente em projetos diversos. É tudo o que falou sobre Kotscho. E mais: na minha opinião, nenhum chefe de redação se iguala a ele.)

Lula acertando os ponteiros na época em que Kotscho e o líder sindical se conheceram no ABC



Esses depoimentos estão no novo livro de Kotscho, *Lugar de repórter é na rua*, junto com outros igualmente importantes em sua carreira, como **Mino Carta**, na revista *IstoÉ* e no *Jornal da República*; **Carlos Brickmann**, que trabalhou com ele em sua primeira passagem pela *Folha*; **William Waak**, âncora do *Jornal da Globo*; **Raul Bastos**, que com ele trabalhou no *Estadão*, especialmente nas reportagens sobre mordomias do governo.

Vou baixar a bola desse timaço para, como um gandula, falar de Kotscho, com quem trabalhei na sucursal paulista do *Jornal do Brasil* anos atrás.

Quando você chegava arrasando os pés, haja alegria! Quando saía para fazer reportagens com o motorista que se mostrou repórter de tanto conviver com você, o querido Ferririnha, era a certeza de que, na volta, a sucursal iria emplacar a primeira página.

Kotscho, fico perturbada quando você diz que fui sua

chefe. Oficialmente, sim, mas não sou “homem” para dizer que conduzi seu talento, sua grandeza, uma das mais perfeitas criações do Jornalismo. Sei que uma das principais virtudes da profissão é ser imparcial. Frequentemente não sou. Como agora, que estão planejando gastar milhões – e dá-lhe milhões! – na construção de estádios para a Copa do Mundo de 2014, inclusive em alguns lugares que já têm estádios prontos e que gastariam muito menos com alguma reforma. Também

sou parcial convicta com meus amigos e meus heróis. Você é um deles, junto com **Humberto Werneck**, jornalista-escritor (ou o contrário), mineiro, escrevinhador abençoado por Deus e bonito por natureza. E salve **José Maria Mayrink**, que, no final de 2008, lançou o livro *Mordança no Estadão*, revelando detalhes de O Estado de S.Paulo e *Jornal da Tarde* serem os únicos jornais diários com a presença física constante dos censores nas redações. Mayrink foi meu santo escudeiro em todas as editorias,

mas não há ninguém que possa ocupar seu lugar nas grandes reportagens sobre os meandros da religião católica. Não esqueço de **Apoenan Rodrigues**, do setor de Cultura, ótimo, impertinente com uma vírgula fora lugar, preciosista, culto, que só vi bravo quando fomos cobrir a passagem de um grande grupo de rock, o Guns and Roses, que a noite nos obrigava a fazer plantão no hotel Maksoud Plaza por suas estrepolias. Uma delas foi jogar um sofá pela janela de madrugada.

Tricolor de coração

Pautado para cobrir um jogo entre Portuguesa e São Paulo, no campo do Canindé, ele foi, escreveu 40 linhas de texto brilhante, conta **Clóvis Rossi**, seu “paizão”, para quem Kotscho cometeu uma gafe inesquecível. Rossi disse para ele: “Está do cacete, cara! Mas há um detalhe: você não escreveu uma linha da Portuguesa, que ganhou o jogo por 1 a 0 do São Paulo”. Ele reagiu como torcedor e ficou p... com a derrota. Escreveu sua opinião e pronto. Rossi acredita que até hoje Ricardo não sabe as cores da Portuguesa.



Avô são-paulino, neto palmeirense

Mataram o Vlado

Por **Eduardo Ribeiro**

Fui à festa dos 50 anos de Ricardo Kotscho, em 1998, num bar na Vila Madalena, em que as pessoas se empilhavam, tantas eram as que lá foram festejar seu meio século de existência. Quase uma década depois, tive o privilégio de estar também na festa em comemoração aos seus 40 anos de Jornalismo, em Brasília, na casa sempre bem freqüentada do colunista **Jorge Moreno**, de O Globo. Era gente saindo pelo ladrão, como na Vila Madalena, porém outras pessoas, aquelas mais ligadas ao poder, como o vice-presidente José Alencar, vários ministros e praticamente todos os jornalistas mais importantes da cidade. Era como se fossem amigos de

infância de Kotscho (Célia, você o chama de Ricardo, mas eu gosto mesmo é de Kotscho), tal a amizade por todos demonstrada e por ele retribuída. Três semanas atrás foi a vez dele retribuir e me levar um abraço no dia em que, valendo-me de uma celebração diferente, festejei 20 mil dias de vida (ver foto abaixo), num churrasco na bucólica praia de Boiçucanga, bem próxima de Toc Toc, onde ele também tem uma casa de praia. E não só foi lá me levar um abraço como – surpresa – carregou a tiracolo a esposa Mara e o querido **Audálio Dantas**, sua esposa Vanira e a caçula de Audálio e Vanira, Mariana.

Assim é Kotscho, de uma

generosidade sem tamanho. Me lembro do dia, já com alguns meses de governo na canduda, que lá de Brasília me liga a prestimosa Cleo, escondeira dele na Secretaria de Imprensa e ainda hoje no mesmo posto, ao lado de **Franklin Martins** e **Otoni Fernandes Jr.**, e o coloca na linha comigo: “Pô, Edu, vê se me inclui de novo no *mailing* do Jornalistas&Cia. Eu sou viciado nessa porcaria e não consigo começar minhas quartas-feiras sem saber das novidades no mercado. Até porque não sei até quando vou agüentar isso aqui!!!” E riu.

Em Boiçucanga, ao reencontrar o amigo **Ivan Quadros**, que

nos anos 80 foi repórter de rádio e televisão em São Paulo e hoje mora em São Sebastião (sempre numa cidade com nome de santo), sapecou: “Fazia tempo que eu não o via. Nós fomos muito tempo do mesmo grupo de orações”. Sim, Kotscho é católico, e dos praticantes, sem o menor constrangimento de contar.

Faço essa intromissão nesse texto “sem fronteiras” de Célia Chaim, um texto que aquece o coração e mareja os olhos, para mostrar como esse filho de mãe tcheca (criada na Alemanha) e de pai romeno (nascido na Bessarábia) troca a justa fama de um dos melhores repórteres da história do País

pela humilde confissão de algumas de suas fraquezas.

No final de junho, ao participar de um evento da Secretaria de Comunicação da Presidência da República, no Rio de Janeiro, revelou para uma plateia de mais de 150 pessoas que sua saída do Governo foi boa para ele, Kotscho, e melhor ainda para o Governo. “Naquela função não pode ter alguém que seja amigo do presidente. Não dá certo”, disse, arrancando risos de todos com seu bom humor – aliás, uma de suas características.

Pouco? Então peço a todos que leiam esse outro depoimento que ele dá, de próprio punho, sobre um gesto que o marcou pelo resto da vida e

que ele decidiu tornar público em seu indispensável livro *Do golpe ao Planalto – Uma vida de repórter*, lançado em julho de 2006.

Ao recapitular e reconstituir alguns de seus passos no trágico episódio do assassinato de **Vladimir Herzog**, em 1975, nos porões do Doi-Codi, na rua Tutóia, em São Paulo, ele relembra o célebre ato ecumênico na catedral da Sé, que mudaria os rumos do País. Diz, à página 53: “Para d. Paulo (Evaristo Arns), a situação tinha chegado ao limite, e era necessário reagir imediatamente. Nesse encontro, surgiu a ideia de promover um ato ecumênico na catedral da Sé, com a participação do rabino Henry

Sobel (Vlado era judeu) e de outras lideranças religiosas. No dia marcado, para evitar que o ato se transformasse num grande protesto contra o governo, os acessos à praça da Sé foram fechados por milhares de policiais comandados pelo coronel Erasmo Dias, secretário de Segurança Pública de São Paulo e um dos expoentes da linha dura. Deram à operação o nome de Gutenberg”.

No trecho mais dramático, revela: “Fui a pé do jornal (O Estado de S.Paulo) até a praça da Sé, percebi o clima de guer-

ra e fiquei dividido, ao mesmo tempo com medo e com vergonha do medo que sentia. Minha mulher estava grávida de nossa segunda filha, Carolina. As prisões de jornalistas, a morte do Vlado, a polícia novamente nas ruas com seus cães e brucutus, tudo isso me levou a voltar para a Redação antes do início do ato – um gesto de covardia que sempre escondi e do qual até hoje me arrependo”.

Kotscho, eu sequer era casado e nem filhos tinha e fiquei, sim senhor, com muito

medo de tudo aquilo, jovem que era e com quase nenhuma experiência política e de militância. Também fiquei envergonhado e tratei de arranjar uma desculpa qualquer para não ir ao ato, já que nem profissional eu era, apenas um estudante no segundo ano de faculdade. Muitos sentiram medo, muitos não sentiram, muitos foram, muitos não foram, mas isso em nada diminui a grandeza da alma de alguém como você, que tem feito muito pelo Jornalismo, pelos jornalistas e pela sociedade brasileira, com

suas reportagens que contribuíram e vão continuar contribuindo para ajudar o Brasil a ser um País melhor.

Tenho certeza de falar também em nome da Célia e da multidão de amigos que você amalhou ao longo da vida, como pude confirmar naqueles dois momentos especiais nas celebrações de datas importantes de sua vida: queremos muito mais Kotschos em nossos caminhos!



Da esquerda para a direita: Eduardo Ribeiro, Fátima Turci, Kotscho, Roseli Loturco, Luiz Roberto Serrano e, de costas, a esposa de Serrano, Maria Helena

Expediente

J&Cia Entrevista é um informativo produzido pela M&A Publicações e Eventos • Tel. 11-5576-5600 • Diretor e Editor Responsável: **Eduardo Ribeiro** (eduribeiro@jornalistasecia.com.br) • Editor Executivo: **Wilson Barancelli** (barancelli@jornalistasecia.com.br) • Coordenadora: **Célia Chaim** (celiachaim@uol.com.br) • Assistente: **Luiz Anversa** (luizanversa@jornalistasecia.com.br) • Projeto Gráfico e Diagramação: **Paulo Sant'Ana** (psantana@uol.com.br) • Circulação e Publicidade: **Silvio Ribeiro** (silvio@jornalistasecia.com.br). Fotos: Arquivo Reali Júnior.